

DA CORTE PORTUGUESA PARA AS CORTES MARROQUINA E ARGELINA: OS PRESENTES DIPLOMÁTICOS POR OCASIÃO DOS RESGATES DE CATIVOS NO SÉCULO XVIII

Isabel Drumond Braga
(Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras,
CIDEHUS-UE e CH-ULisboa)
isabeldrumondbraga@gmail.com

RESUMO

A aquisição de cativos portugueses antes do estabelecimento de relações diplomáticas com as potências islâmicas – a paz com Marrocos foi assinada em 1774 e com as regências otomanas do Norte de África só no século XIX – implicou negociações pontuais e a troca de presentes diplomáticos que incluíram produtos portugueses e estrangeiros. Procura-se perceber se é possível reconstituir redes de comércio e se este tipo de trocas teve significado em termos culturais, constituindo uma forma de abastecimento suplementar dos potentados locais em alimentos, tecidos, utensílios domésticos, de entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *Cativos, Diplomacia, Portugal, Marrocos, Argel.*

FROM THE PORTUGUESE COURT TO THE MOROCCAN AND ALGERIAN COURTS: THE DIPLOMATIC GIFTS ON THE OCCASION OF CAPTIVES' RESCUES IN THE 18TH CENTURY

ABSTRACT

The acquisition of portuguese captives prior to the establishment of diplomatic relations with the Islamic powers – the peace with Morocco was signed in 1774 and with the otomman regencies only in the 19th century – entailed occasional negotiations and the exchange of diplomatic gifts that included portuguese and foreign products. This paper aims to know if this kind of exchange had cultural significance and was a way of suplementar supplying the local potentates with food, cloth, household items, etc., and also if it possible to reconstruct trade networks.

KEY WORDS: *Captives, Diplomacy, Portugal, Morocco, Alger.*

Les relations avec la Sublime Porte ne pouvaient se passer d'échanges de cadeaux. Ceux-ci facilitaient l'entrée en contact avec les autorités d'Istanbul, adoucissaient les vizirs traditionnellement hostiles aux mécréants, aidaient à conclure, célébraient une entente ou achevaient un différend. Aussi deviennent-ils des instruments nécessaires à la diplomatie¹.

1. A historiografia europeia tem prestado alguma atenção aos resgates de cativos enquanto obra de assistência e negócio que implicava a movimentação de elevados capitais, a par de negociações diplomáticas pontuais e casuísticas para se levar a cabo cada missão. Têm sido abordados os contextos dos aprisionamentos, as condições dos resgates, as ações das ordens redentoras, o papel da Coroa no negócio da compra dos cativos, as condições de vida em cativo, o abandono da fé inicial e a adoção do islamismo para os que renegavam, de entre outros aspetos relevantes².

A captura de cristãos era um meio muito relevante para o desenvolvimento económico do Magrebe. Os cativos eram usados como mão-de-obra gratuita e por

¹ Jean-François Solnon, *Le turban et la stambouline: l'empire ottoman et l'Europe XIV^e-XX^e siècle, affrontement et fascination réciproques* (Paris: Perrin, 2009), 120.

² Sobre estas matérias cf. Bartolomé et Lucile Bennassar, *Los Cristianos de Alá: la fascinante aventura de los renegados*, tradução de José Luis Gil Aristu (Madrid: Nerea, 1989); Ellen G. Friedman, *Spanish captives in North Africa in the Early Modern Age* (Madison: University of Wisconsin Press, 1983); Claude Larquié, "Le Commerce des Hommes en Méditerranée au milieu du XVII^e siècle", em Rafaelle Belvederi (dir.), *Atti del IV Congresso Internazionale di Studi Storici. Rapporti Genova, Mediterraneo, Atlantico nell' Età Moderna* (Genova: Pubblicazioni dell' Istituto di Scienze Storiche, Università di Genova, 1990), 397-412; Claude Larquié, "Captifs Chrétiens et Esclaves Musulmans au XVII^e siècle: une lecture comparative", em Bartolomé Bennassar e Robert Sauzet (dir.), *Chrétiens et Musulmans à la Renaissance. Actes du 37^e Colloque du CESR* (Paris: Honoré Champion, 1998), 391-404; Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, *Entre a Cristandade e o Islão: cativos e renegados nas franjas de duas sociedades em confronto* (Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, Ciudad Autónoma de Ceuta, 1998); Isabel Drumond Braga, "Vítimas de um conflito religioso: cativas e renegadas portuguesas no Magrebe (séculos XVI-XVII)", em Margarita Torremocha Hernández (coord.), *Mujeres, sociedad y conflicto (siglos XVII-XIX)* (Valladolid: Castilla Ediciones, 2019), 123-140; Anita Gonzalez-Raymond, *La Croix et le croissant: les inquisiteurs des Iles face à l'Islam 1550-1700* (Paris: CNRS, 1992); Edite da Conceição Martins Alberto, *As Instituições de resgate de cativos em Portugal: sua estrutura e funcionamento no século XV* (dissertação de mestrado inédita), Universidade Nova de Lisboa, 1994; Edite Maria da Conceição Martins Alberto, *Um negócio piedoso: o resgate de cativos em Portugal na Época Moderna* (tese de doutoramento inédita), Universidade do Minho, 2010; Edite Maria da Conceição Martins Alberto, *Entre a Cruz e o Crescente: o resgate de cativos: 1218-2018* (Lisboa: Arquivos Nacionais Torre do Tombo, 2018); José Antonio Martínez Torres, *Prisioneros de los Infieles: vida y rescate de los cautivos cristianos en el Mediterráneo musulmán (siglos XVI-XVII)* (Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2004); Magnus Ressel, Cornel Zwielerlein, "The ransoming of North European Captives from Northern Africa: a comparison of Dutch, Hanseatic and English Institutionalization of redemption from 1610-1645", em Nikolas Jaspert e Sebastian Kolditz (dir.), *Seeraub im Mittelmeerraum: piraterie, korsarentum und maritime Gewalt von der Antike bis zur Neuzeit* (München: Verlag Wilhelm Fink e Ferdinand Schöningh, 2013), 377-406; António Jorge Ferreira Afonso, *Os Cativos portugueses nos banhos magrebinos (1769-1830) o Islão, o corso e a geoestratégia no Ocidente do Mediterrâneo* (tese de doutoramento inédita), Universidade de Lisboa, 2017; Daniel Hershenzon, "Para que me saque cabeça por cabeça...: el intercambio de esclavos entre cristianos y musulmanes en el Mediterraneo Occidental", *Drassana* 23 (2015): 78-97; Daniel Hershenzon, *The captive sea: slavery, communication and commerce in Early Modern Spain and the Mediterranean* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018).

vezes qualificada para variados trabalhos, em especial para os mais pesados, e também como uma importante fonte de receita, quando eram vendidos aos padres redentores que procediam aos resgates sob as ordens régias. Tenhamos presente que libertar cativos começou por ser um ato caritativo para se tornar uma matéria de governo, sem, contudo, perder a vertente assistencial, mesmo no final da Época Moderna.

A obtenção de cativos era um resultado do clima belicista entre cristãos e muçulmanos, tratava-se de “uma guerra latente ainda que nunca declarada abertamente, que não pretendia conquistar as terras do inimigo, mas antes fazer-lhe o maior dano possível”³. Neste contexto, os ataques aos muçulmanos acabavam por funcionar como formas alternativas de abastecimento das cidades e vilas do Norte de África na posse dos portugueses, as quais estavam isoladas e encravadas entre inimigos – Robert Ricard referiu-se-lhes como espaços de ocupação restrita⁴ –, conseqüentemente achavam-se numa situação particularmente difícil em termos de abastecimento e de defesa. Isto significava que os aprisionamentos e os resgates faziam parte das vivências quotidianas, o que só terminará em 1813, com a assinatura da paz com a regência otomana de Argel.

As relações entre Portugal e Marrocos só se estabilizaram na segunda metade do século XVIII. Em 1769, deu-se o abandono de Mazagão, o último reduto português no Magrebe⁵, permitindo o estabelecimento da paz em 1774⁶. Porém, o relacionamento com as regências otomanas de Argel, Tunes e Trípoli manteve-se muito problemático, sendo frustrada a primeira tentativa para um acordo, levada a cabo em 1786-1787⁷. Ou seja, após 1774, todos os resgates portugueses no Magrebe foram levados a efeito junto de espaços dominados pela Sublime Porta. Era um império imenso – na Época Moderna, cerca de um terço da Europa estava sob o seu domínio – que manteve relações económicas com França, com a senhoria de Veneza, e também com Génova e Florença esporadicamente desde o século XII⁸ e de forma regular desde o século XVI⁹, não obstante o turco ter sido, durante toda a Época Moderna, visto

³ Mercedes García-Arenal, Miguel Ángel de Bunes, *Los Españoles y el Norte de África: siglos XV-XVIII* (Madrid: Mapfre, 1992), 218.

⁴ Robert Ricard, “Le problème de l’occupation restreinte dans l’Afrique du Nord (XV^e-XVIII^e siècles)”, *Annales d’Histoire Économique et Sociale* 41 (1936): 426-437.

⁵ Sobre Mazagão, cf. António Dias Farinha, *História de Mazagão durante o Período Filipino* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1970); Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão: a epopeia portuguesa em Marrocos* (Lisboa: Tribuna da História, 2007).

⁶ Sobre a paz com Marrocos, cf. Isabel Drumond Braga, *Missões diplomáticas entre Portugal e o Magrebe no século XVIII: os relatos de frei João de Sousa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2008); Eva-Maria von Kemnitz, *Portugal e o Magrebe (Séculos XVIII / XIX). Pragmatismo, inovação e conhecimento nas relações diplomáticas* (Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2010).

⁷ Isabel Drumond Braga, *Missões diplomáticas*.

⁸ Sobre essas relações, cf. Géraud Poumarède, “Les envoyés ottomans à la cour de France: d’une présence controversée à l’exaltation d’une aliance (XV^e-XVIII^e siècles)”, em *Turcs et turqueries (XVI-XVIII siècles)* (Paris: Presses Universitaires Paris-Sorbonne, 2009), 63-95; Lucette Valensi, *Stranieri familiari: musulmani in Europa (XVI-XVIII secolo)* (Torino: Einaudi, 2013), 204-205 e Suraiya Faroqhi, *Ottoman empire and the world around it* (London: I. B. Tauris, 2016), 140-160.

⁹ Faça-se notar que desde o século XVI, encontra-se produção veneziana de textos e vocabulários de turco, tais como *L’opera chi se diletasse de sapere domandare ciascheduna cosa in turchesco* (1525-1526) e *La regola del parlare turco* (1533), de modo a tentar fornecer noções da língua. Cf. Marina Formica, *Lo specchio*

negativamente como falso, ocioso, supersticioso, vão e violento, o que teve repercussões inclusivamente na literatura. Os estereótipos foram transversais a toda a sociedade europeia sob o domínio cristão e mantiveram-se até ao século XVIII, numa época em que o poder daquele potentado estava em diminuição, não obstante avanços e recuos frequentes¹⁰. Porém, os contatos diplomáticos com os otomanos e com outros estados islâmicos, levados a efeito por mercadores, diplomatas e homens da Igreja terão ajudado a fomentar novas formas de diplomacia e de política, embora a reciprocidade das embaixadas só tenha tido início no século XVIII, pois inicialmente não eram encontros entre iguais¹¹, e sempre entendidos como temporários¹².

A Europa do século XVIII, apesar de ter estado envolvida em diversas guerras, dedicou-se a permanentes negociações no plano internacional, tentando manter o equilíbrio e a ordem, para o que dispôs de um conjunto de práticas e de saberes obtidos nos séculos precedentes, que a habilitaram a salvaguardar a paz e a lutar contra a guerra, fomentando a diplomacia moderna, através da racionalização e profissionalização da carreira diplomática¹³. Ora, a linguagem utilizada pelos embaixadores serviu-se de diversas formas de expressão, de entre elas a oferta de presentes com claros objetivos políticos e com ampla dimensão social e estética de modo a integrar o espetáculo da representação do soberano¹⁴, quer dentro do mundo cristão quer fora. Efetivamente, qualquer oferta deveria tornar clara a grandeza e a riqueza do ofertante que, contudo, não deveria mostrar superioridade. Assim se compreende que o império otomano tenha oferecido aos franceses animais e aqueles tenham enviado armas, jóias, tapetes das suas manufaturas e relógios¹⁵, numa época em que os embaixadores da Sublime Porta foram recebidos em Paris com faustosas receções – tal foi o caso da que foi oferecida a Sa'îd Efendi nos anos de 1741-1742 – no intuito de se obter uma integração progressiva do império otomano na diplomacia da Europa cristã¹⁶.

2. Entre a documentação do convento da Santíssima Trindade, de Lisboa, que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, encontram-se diversos códices sobre resgates, alguns dos quais com informações sobre os presentes diplomáticos enviados por Portugal aos senhores do Magrebe. Trata-se de uma documentação lacunar, neste caso relativa apenas a três das várias missões de resgate. A saber, a primeira levada a efeito em Argel, em 1726, a segunda em Meknés e Salé, em 1729, e

turco: immagini dell'altro e riflessi del sé nella cultura italiana d'età moderna (Roma: Donzelli Editore, 2012), 26-27.

¹⁰ Paolo Preto, *Venezia e i turchi* (Roma: Viella, 2013) 223. Sobre os avanços e recuos geográficos na Europa, cf. Faroqhi, *Ottoman empire*, 31-32, 58-63.

¹¹ Daniel Goffman, “Negotiation with the Renaissance state: the Ottoman Empire and the new diplomacy”, em Virginia H. Aksan e Daniel Goffman (coord.), *The Early Modern Ottomans: remapping the empire* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007) 61-74; Solnon, *Le turban*, 256-304.

¹² Faroqhi, *Ottoman empire*, 73.

¹³ Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe: naissance de la diplomatie moderne XVI^e-XVIII^e siècles* (Paris: Presses Universitaires de France, 2007), 583-584.

¹⁴ Valensi, *Stranieri familiari*, 235.

¹⁵ *Ibidem*, 236-238.

¹⁶ Poumarède, *Les envoyés*, 63-95.

a última, de novo em Argel, em 1754. Ou seja, uma missão em Marrocos e duas numa das regências do império otomano do Norte de África.

No resgate de 1726, realizado em Argel, por frei José de Paiva e frei Bento Falcão da Frota, foram obtidas 214 pessoas¹⁷. A viagem de ida decorreu entre 8 de junho e 3 de julho e a de regresso entre 22 de julho e 20 de agosto¹⁸. A missão de 1729, levada a efeito em Meknès, por frei Pedro de Melo e por frei José de Paiva, teve lugar no navio *Nossa Senhora da Lampadosa*, cujo capitão de mar e guerra foi D. Manuel Henriques. Partiram de Lisboa em 6 de setembro de 1728 e chegaram em 25 de abril do ano seguinte. Foram obtidas 112 ou 113 pessoas¹⁹. Finalmente, o resgate de 1754, foi efetuado em Argel, por frei José de Quadros e frei Manuel Francisco de Santa Ana, obtendo-se 228 pessoas. Gastaram-se 116.517.300 réis ou 120.711.000 réis²⁰. Começou em 19 de março e terminou em 20 de abril. A embarcação chegou a Lisboa, em 18 de maio²¹.

A preparação de qualquer resgate implicava uma cuidada operação que incluía, de entre outros aspetos, a reunião de uma enorme quantia, a escolha dos padres trinitários redentores – os únicos que em Portugal estavam autorizados a adquirir cativos –, a obtenção de uma embarcação e o seu abastecimento, a aquisição de um seguro e, naturalmente, o estabelecimento de contactos com os poderes locais, para que estes permitissem o resgate. À chegada, o tesoureiro encontrava-se com a autoridade local e, investido da qualidade de enviado que representava o rei de Portugal, oferecia um presente.

Seguia um conjunto de bens, designados genericamente como presente, os quais depois eram divididos para contemplar diversas pessoas que, de alguma forma, facilitassem o resgate, quer do ponto de vista da obtenção de boas vontades quer na ótica das questões práticas. Assim se compreende que os bens levados para oferta se destinassem a várias pessoas da Corte, designadamente familiares de quem detinha o poder, mas também a outros cujas funções eram bem mais práticas, relacionadas com a segurança ou com o provimento e preparação de géneros. Era, no entendimento de Pablo Hernández Sau, a prática do presente ligado às concessões otomanas do poder apoiadas no património, no favor, nas fações políticas, na honra e na submissão²².

Na ausência de cônsules e de embaixadores portugueses no mundo islâmico, as ofertas por ocasião dos resgates significavam facilitar a multiplicação de contactos pacíficos e a convivência intercultural, com quadros normativos próprios que importava conhecer e respeitar. Se o *bey* via os presentes dos cônsules como tributos,

¹⁷ Alberto, *Um negócio*, 481-489.

¹⁸ Frei Jerónimo de São José, *Historia chronologica da esclarecida ordem da SS. Trindade redempção de cativos*, tomo 2 (Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789), 444-448.

¹⁹ Os números diferem. Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Convento da Santíssima Trindade, liv. 29, Frei Jerónimo de São José, *Historia chronologica*, 449-456 e Alberto, *Um negócio*, 491-495.

²⁰ Alberto, *Um negócio piedoso* 51, 7-529.

²¹ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 30.

²² Pablo Hernández Sau, “Dádivas al estilo oriental’: prácticas de (re)conocimiento político en el Estambul del último cuarto del siglo XVIII”, *Chronica Nova* 44 (2018): 129.

no contexto dos resgates, as escolhas dos bens oferecidos procuravam constituir amostras emblemáticas do reino ofertante, independentemente de a generosidade poder conhecer constrangimentos económicos²³. No Mediterrâneo, definido por Christian Windler como um terceiro espaço, em oposição ao binómio Oriente, Ocidente²⁴, as ofertas por ocasião dos resgates constituíram formas de interculturalidade entre a Europa e o Magrebe propiciando a circulação transcultural de bens através da mediação dos trinitários. Esses presentes merecem atenção por si e tendo em conta o contexto, tanto mais que assumem um papel de comunicadores entre Cortes sem laços dinásticos e em zonas culturais distintas, designadamente o sultanato de Marrocos e o império otomano.

Em 1726, o *dey* de Argel foi contemplado com o mais discreto dos três presentes que aqui se analisam. As peças mais relevantes foram um anel com um diamante grande e um báculo com barquinhos de diamantes, apresentado numa caixa de veludo encarnado²⁵. O soberano recebeu ainda diversas peças de porcelana oriental, louça da Holanda e peças de vidro do Sacro Império Romano Germânico. Presumivelmente de produção nacional, uma frasqueira com seis frascos com perfume, pastilhas de boca de canela e água de Córdova. Os têxteis ficaram parcamente documentos, apenas dois cafetãs de pano fino com quatro côvados e meio, cada um. Note-se que estas peças – *bil'at* – integravam o vestuário cerimonial e eram habitualmente ofertadas pelo sultão em determinadas festas²⁶. Os alimentos limitaram-se a açúcar (cinco arrobas e meio), chocolate (duas arrobas), doces (seis tachos grandes de oito arrobas de doce seco e três dúzias de covilhetes de doces variados apresentados em bacias; e pastilhas de chocolate. Um toque de exotismo, eventualmente do Brasil, foi o envio de uma arara²⁷. Além do *dey* e do governador 13 outras personalidades receberam diversas oferendas, a saber: cafetãs de pano fino, bandejas da Índia, peças de vidro da Alemanha, louça da Holanda, frascos com água de Córdova, pastilhas de boca e perfume, açúcar, chocolate, doces diversos portugueses e pastilhas de chocolate. Desconhece-se o valor gasto na aquisição dos bens.

²³ Christian Windler, “Diplomatie et interculturalité: les consuls français à Tunis, 1700-1840”, *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 50-4 (2003-2004): 63-91.

²⁴ Christian Windler, *La diplomatie comme expérience de l'autre: consuls français au Magreb (1700-1840)* (Genève: Librairie Droz, 2002).

²⁵ Pablo Hernández Sau chamou a atenção para as preocupações inerentes à oferta das joias. Isto é, por exemplo, em Espanha, a oferta diplomática levada para Constantinopla por Joseph Bouligny, em 1782, implicou a compra de diversas joias e diamantes em Istambul, de modo a evitar rejeições. Veja-se Pablo Hernández Sau, “Gifts across the Mediterranean sea: the Spanish gift embassy to Constantinople and its cross-cultural diplomatic practice” em Diana Carrió-Invernizzi (ed.), *Embajadores culturales: transferencias y lealtades de la diplomacia española en la Edad Moderna* (Madrid: UNED, 2016), 121.

²⁶ Hernández Sau, “Dádivas al estilo oriental”, 134.

²⁷ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 31.

Quadro 1

Presente do monarca português ao soberano de Argel por ocasião do resgate de 1726
(alimentos)

Bens	Quantidades
Açúcar	Cinco arrobas e meia
Chocolate	Duas arrobas
Doces variados	48 arráteis
Doces variados	36 covilhetes
Pastilhas de chocolate	Três condessinhas

Quadro 2

Presente do monarca português ao soberano de Argel por ocasião do resgate de 1726
(utensílios de mesa)

Bens	Quantidades
Bacias grandes da China	Duas
Bandejas da Índia	Duas
Canecas com bocas de estanho da Holanda	Duas
Colheres de metal branco	12
Copos da Alemanha	12
Frasqueira de seis frascos	Uma
Garrafas da Alemanha	Duas
Pratos da China	Quatro
Pratos da Holanda	72
Púcaros de vidro da Alemanha	10
Serviço de café da China	Um
Serviço de chocolate da China	Um
Tabuleiro de charão da China	Um
Tigelas com tampas da Holanda	48
Tigelas grandes	Quatro

Os gastos com o presente do resgate efetuado em Meknés em 1729 importaram em 2.643.215 réis, uma quantia significativa, que terá representado uma percentagem relevante dos gastos, embora a totalidade destes se desconheça. A oferta de D. João V ao soberano de Meknés foi entregue pelo tesoureiro Diogo Correia da Mota e contemplou outros membros da Corte, designadamente o irmão do soberano, um valido, além de alcaides e contadores, incluindo o alcaide de Azamor, uma localidade que outrora estivera sob o domínio português. As ofertas ao soberano desdobraram-se em duas partes, a primeira, mais substancial, à chegada, e a última em jeito de despedida. Houve um investimento muito especial numa cadeira de mão, uma peça de assento para circular, uma espécie de liteira, no valor de 327.490 réis, ou seja

12 por cento do total do presente destinado aos vários contemplados. Foi executada em Portugal e, embora desconhecamos os nomes dos artesãos, sabemos como se distribuíram as parcelas gastas em materiais e mão-de-obra. Ou seja, o trabalho do carpinteiro importou em 37.200 réis, pintar, dourar e charoar em 42.400 réis, o veludo para o tejadilho custou 16.140 réis, o brocado para forrar a peça e fazer as almofadas 45.360 réis, os galões e as franjas de ouro 76.480 réis, as borlas 31.335 réis, a melamina para as cortinas 10.650 réis, quatro varas de fita de tela para atar as cortinas 20.400 réis, as ferragens 35.800 réis, os vidros 19.680 réis, a baeta para a capa 3.825 réis, o brim para o forro 4.620 e o oleado da capa 1.600 réis²⁸. Boa parte dos materiais, cuja origem se desconhece, foi mais cara do que o trabalho dos artesãos.

Além desta oferta de aparato, o soberano de Meknés recebeu ainda duas peças de brocado (73 côvados)²⁹, 12 peças de holanda, 24 peças de cambraia, louça da Índia, designadamente duas bandejas, seis fruteiros com pratos, dois tabuleiros grandes e dois pequenos, duas talhas com tampas, duas tigelas grandes e oito tigelas pequenas, todas com tampas. Os vidros, supostamente de produção portuguesa³⁰, incluíram uma bacia com gomil, duas canecas grandes, cinco castiçais, uma confeitadeira, quatro copos grandes, três frisqueiras pintadas com 36 frascos, 12 dos quais com água de Córdova, os restantes com 12 pastilhas de boca e 12 pastilhas de perfume; quatro púcaros grandes, dois púcaros com tampa e seis urinóis. A estes produtos juntaram-se duas caixas de moscúvia com pregaria e ferragens de latão dourado, forradas com seda; dois chapéus brancos forrados de melania de prata guarnecidos com rendas de ouro e borlas, além de copiosa quantidade de doces portugueses preparados à base de frutos e açúcar, a saber, 10 caixas de ameixas, seis de alperces, 10 de cidra, 10 de melão, seis de peras e quatro de pêssegos. Finalmente, no presente foram ainda incluídos 25 arráteis de chá apresentados em frascos de folha de flandres e duas arrobas de tabaco.

O presente oferecido ao soberano, após o resgate e no momento da despedida, foi menos sumptuoso. Compreendeu tecidos (duas peças de pano fino de cores, com 64 côvados; duas peças de primavera, com 75,5 côvados), uma colcha da Índia de cetim branco, bordada e franjada a ouro; e duas peças de porcelana oriental, ou seja, uma bandeja e um tabuleiro grande. Foi ainda ofertada uma caixa de pevides. O presente foi coberto com seis lenços³¹. Sobre este, frei Jerónimo de São José, cronista dos trinitários, comentou que “cresceram as obrigações, foi preciso, para satisfazer a cobiça de todos, mandar a Salé comprar mais alguns panos, bretanhas ou brocados e juntamente para fazer segundo obséquio ao rei, a quem se não falava sem se levar

²⁸ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 29.

²⁹ No texto foram indicadas quantidades em diversas medidas de capacidade. Note-se que havia variações dentro de cada reino e entre diferentes reinos. Uma equivalência ao atual sistema métrico-decimal permite ter uma ideia. Assim: côvado = 0,681 metros, peça = incerto.

³⁰ Sobre a produção de vidro em Portugal, cf. Manuel Ferreira Rodrigues, José Amado Mendes, *História da indústria portuguesa da Idade Média aos nossos dias* (Mem Martins: Europa-América, 1999); Jorge Custódio, *A Real Fábrica de Vidros de Coima (1719-1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII* (Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002); Jorge Pedreira, “A Indústria”, em Pedro Lains e Álvaro Ferreira da Silva (org.), *História económica de Portugal*, 1 (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004), 177-208.

³¹ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 29.

algum mimo”³². A totalidade dos bens levada para a Corte de Meknês compreendeu sobretudo tecidos, louças, vidros e doces, distribuídos do seguinte modo:

Quadro 3

Presente do monarca português ao soberano de Meknês por ocasião do resgate de 1729 (alimentos)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Abóbora	12 caixas	
Água de Córdova	?	112.650
Alperces	13 caixas	
Ameixas	18 caixas	
Chá	25 arráteis	28.250
Cidra	12 caixas	
Melão	24 caixas	
Pastilhas de boca e de perfume	?	144.450
Peras	17 caixas	
Pêssegos	Seis caixas	
Pevides	Seis caixas	
Total	-	470.330

Os doces de cidra, melão, peras, pêssegos e as pevides totalizaram 184.980 réis. Faça-se notar que junto destas parcelas apareceram sempre outras relativas a pastilhas para ingerir e a pastilhas para perfumar. Se na atualidade se pode estranhar, na Época Moderna era uma prática normal. Culinária, cosmética e farmacoopia eram três matérias que tinham como palco as cozinhas das casas e que se produziam a partir das heranças de conhecimentos de alimentação e saúde antigos, elaborados e reelaborados de acordo com as práticas e a integração de novos produtos. A união culinária, cosmética e botica era então uma realidade, pelos produtos, pelas técnicas e pelos locais de produção utilizados, quase sempre os mesmos ou com variantes pouco acentuadas, se esquecermos algumas excentricidades contidas em certas mezinhas³³.

³² Frei Jerónimo de São José, *Historia chronologica*, 453.

³³ Veja-se a análise desta realidade num receituário do século XVIII. Cf. Isabel Drumond Braga, “O Receituário de Francisco Borges Henriques: Culinária, Cosmética e Botica em Portugal no século XVIII”, *Diálogos Mediterrânicos* 12 (2017): 67-88.

Quadro 4

Presente do monarca português ao soberano de Meknés por ocasião do resgate de 1729
(utensílios de mesa)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Bandejas	Quatro	8.400
Caixas de moscóvia com pregadura	Duas	108.350
Copos de vidro e canecas	?	35.080
Frascos	60	170.000
Frasqueiras	cinco	144.450
Fruteiros da Índia com pratos	Seis	24.000
Sopeiras grandes, pratos e tigelas com tampa da Holanda	Quatro, 12 e seis	9.840
Tabuleiros da Índia grandes	Quatro	7.600
Talhas da Índia com tampas	Duas	81.200
Tigelas da Índia com tampas	Duas	6.400
Tigelas da Índia com tampas e pratos	Oito	24.000
Tigelas da Índia grandes com tampas e pratos	Duas	45.600
Total	-	664.920

Os utensílios de mesa tiveram três origens diferentes, as porcelanas orientais, a louça da Holanda e os vidros portugueses, alguns dos quais pintados à mão, uma vez que se encontra uma verba de 200 réis para o efeito. Estamos perante um conjunto de peças que enriquecem a baixela da Corte de Meknés, embora nem todas se tenham destinado ao soberano.

Quadro 5

Presente do monarca português ao soberano de Meknés por ocasião do resgate de 1729
(tecidos e têxteis confeccionados)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Bretanha*	158 peças	364.980
Bretanhas	30 peças	55.038
Brocado de ouro com 34 cordas	Uma peça e 12 cortes	266.300
Brocado de várias cores*	70 côvados	290.500
Cambraia*	28 peças	85.232
Chapéus brancos forrados de melania de prata	Dois	32.900
Colcha da Índia de cetim branco bordada a ouro	Uma	96.000
Holandas finas	14 peças	218.875

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Holandas*	28 peças	27.600
Holandilha	?	4.250
Lenços*	40 unidades	25.200
Panos de várias cores	Oito peças (25 côvados)	637.480
Panos de várias cores*	368 côvados	944.288
Peças de primavera de França	Três peças (101,5 côvados)	182.750
Primavera*	20 côvados e três quartos	25.937
Reposteiros de brim de França para cobrir os presentes	12	33.440
*Bens adquiridos em Salé		
Total	-	3.233.720

Foram sobretudo as peças de tecido de proveniência estrangeira que enriqueceram o presente levado para Marrocos. Efetivamente, Portugal não produzia muitos têxteis de luxo, o recurso à importação era comum³⁴. Note-se que houve necessidade de fazer mais algumas aquisições em Salé e que apenas se encontram três bens já confeccionados, uma colcha oriental e dois chapéus. Em termos percentuais, neste presente os produtos têxteis, as louças e os doces importaram em 4.368.970 réis. 74 por cento foram destinados aos primeiros, 15 por cento aos segundos e 11 por cento aos últimos.

Para o resgate de 1754, em Argel, de novo se repetiram as práticas de envio de tecidos, a maior parte para cobrir as peças a ofertar, doces, perfumes e utensílios de mesa. Saliente-se ainda uma joia, no caso um anel com três diamantes apresentado numa caixa de lixa preta, no valor de 136.000 réis, e duas arcas de veludo carmesim agaloadas e franjadas de ouro com forro de chameleto branco e ferragens douradas, que custaram 89.390 réis³⁵. O presente foi distribuído por 21 pessoas, incluindo o *dey* e a sua mulher, outros familiares, o governador, o almirante, o contador, o capitão do porto e até diversos cozinheiros, de acordo com as habituais práticas de entrega de presentes às clientelas.

³⁴ Sobre a produção e o comércio têxtil em Portugal, cf. Isabel Drumond Braga, “Teares, Fios e Tecidos em Viagem. Produções e Exportações da Real Fábrica das Sedas para o Brasil (1734-1821)”, *Revista de Artes Decorativas* 4 (2010): 101-124; Isabel Drumond Braga “Das tendas dos mercadores têxteis portugueses: Inquisição e cultura material nos séculos XVII e XVIII”, *LibrosdelaCorte.es* monográfico 6 (2017): 185-211; Isabel Drumond Braga, “Cultura material, trabalho e conflituosidade: os artesãos têxteis (séculos XVI-XVIII)”, *Revista de Artes Decorativas* 7 (2015-2019): 81-118; Alex Faverzani da Luz, *A Real Fábrica das Sedas de Lisboa: administração, política económica pombalina e relações de comércio entre Portugal e Brasil (1750-1777)*, tese de doutoramento inédita, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.

³⁵ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 30.

A título de exemplo refira-se o mais sumptuoso dos presentes, naturalmente o do *dey*, composto pelos referidos anel e arca, além de um aparelho para chá com tabuleiro de charão, um estojo com seis colheres de metal cobertas com três côvados de garça, uma bandeja da Índia com nove côvados de pano berne sobre fino, coberto com três côvados de garça; uma bandeja da Índia com uma arroba de chocolate coberta com três côvados de garça, uma bandeja da Índia com cinco dúzias de pratos e várias tigelas da Holanda, coberta com três côvados de garça; 48 covilhetes de doces de várias espécies – cada covilhete ia numa caixa – tudo coberto com três côvados de garça, seis caixas grandes de doces secos de várias castas – em cada caixa foram colocados oito arráteis de doce – e as caixas foram cobertas com garça e atadas com oito varas de fita, uma frasqueira ordinária com oito frascos com água de Córdova, seis arráteis de pastilhas de perfume, dois arráteis de pastilhas pardas, seis arráteis de pastilhas brancas, três arráteis de pastilhas remendadas de boca, quatro gorgoletas grandes de Estremoz, seis quartinhas pequenas de Estremoz, 30 púcaros de Estremoz com tampas e salvas, 24 copos de vidro de várias castas, quatro canecas de vidro, duas redomas de vidro, duas garrafas de vidro, seis formas de açúcar refinado e duas tigelas grandes da Índia com tampas e pratos.

No extremo oposto, encontram-se os presentes do cozinheiro principal, designado por cozinheiro grande, e do segundo cozinheiro, naturalmente bastante mais modestos, não deixando, contudo, de constituir uma forma de abastecimento das suas casas. Nestes dois casos, os bens recebidos tiveram uma relação direta com as atividades profissionais.

Quadro 6

Presentes oferecidos ao cozinheiro grande e ao segundo cozinheiro por ocasião do resgate de 1729

Cozinheiro grande	Segundo cozinheiro
12 púcaros de Estremoz com salvas e sem elas	12 púcaros de Estremoz de várias castas com tampa
18 covilhetes de doces de várias castas em caixas	12 covilhetes de doce em caixas de madeira
Dois arráteis de pastilhas brancas	
Dois arráteis de pastilhas remendadas de boca	
Dois copos de vidro grandes	Quatro copos de vidro (dois grandes e dois pequenos)
Duas caixas de doces secos de várias castas, de oito arráteis cada, com seis varas de fita	Uma caixa grande com oito arráteis de doce seco, atada com duas varas e meia de fita
Duas canecas	
Meia arroba de chocolate	Oito arráteis de chocolate
Quatro púcaros grandes de Estremoz	
Seis copos pequenos de vidro	

Cozinheiro grande	Segundo cozinheiro
Um arrátel de pastilhas pardas	
Um arrátel de perfume	
Uma bandeja com uma dúzia de pratos da Holanda	Oito pratos da Holanda
Uma bandeja da Índia com quatro côvados e meio de pano berne fino coberto com três côvados de garça	Uma bandeja da Índia com três côvados de pano fino
Uma dúzia de tigelas da Holanda com tampas	Duas tigelas da Holanda, uma pequena e outra grande, com tampas
Uma frasqueira ordinária com oito frascos com água de Córdoba	
Uma garrafa	
Uma redoma	
Uma tigela grande azul da Índia com seu prato e tampa	
	Duas gorgoletas de Estremoz
	Um púcaro de vidro com tampa
	Uma arroba de açúcar numa alcofa

Se tivermos em conta a totalidade do presente, verificamos uma insistência nos produtos antes identificados que incluíram outras ofertas congêneres: os doces, os perfumes, as louças, com destaque para as porcelanas orientais, e os têxteis, a par de uma ou outra peça mais original.

Quadro 7

Presentes do rei de Portugal ao *dey* de Argel por ocasião do resgate de 1754 (alimentos)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Abóbora	12 covilhetes	1.320
Açúcar fino	16 arrobas	32.000
Açúcar mascavado	Uma arroba	850
Açúcar refinado	32 formas	21.510
Aguardente	24 canadas	17.280
Ameixas	Duas arrobas	10.240
Batatada	24 covilhetes	2.400
Chocolate	Seis arrobas	48.000
Cidrada	22 covilhetes	3.800
Cidrão	Duas arrobas	22.800
Geleia	Uma dúzia de covilhetes	1.800
Manjar real	Quatro dúzias de covilhetes	5.760
Marmelada	Oito dúzias de covilhetes	11.520

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Melão	Duas arrobas e 26 arráteis	13.500
Moganga	Quatro dúzias de covilhetes	5.760
Moganga	14 covilhetes	1.820
Pastilhas brancas	50 arráteis	15.000
Pastilhas pardas	12 arráteis	37.200
Pastilhas remendadas de boca	Nove arráteis	6.300
Perada	38 covilhetes	4.560
Pessegada	10 covilhetes	1.400
Pêssegos	Três arrobas	15.360
Total	-	280.180

Tal como aconteceu em relação aos presentes antes analisados, desconhecemos a proveniência dos doces. Isto é, quem os fez e onde foram adquiridos. Sabe-se, contudo, que o chocolate foi preparado no convento da Santíssima Trindade, de Lisboa³⁶. Repare-se igualmente na presença de vários tipos de açúcar, provavelmente oriundos do Brasil. O vasilhame usado para transportar os doces também foi referido, designadamente 27 dúzias de caixas de pau, isto é, de madeira, para acondicionar os covilhetes (6.750 réis), 28 caixas grandes com capacidade para oito arráteis, destinadas aos doces secos (3.360 réis), sem esquecer três peças de fita para atar as caixas (1.600 réis)³⁷.

Um vasto conjunto de utensílios para guardar e apresentar alimentos à mesa fizeram igualmente parte do presente. Nesta baixela de mesa saliente-se um aparelho de chá de porcelana oriental, a par com diversas outras peças da mesma proveniência e algumas peças holandesas, em contraste com a louça de Estremoz³⁸, famosa pelo menos desde o século XVI, mas de barro, sem o requinte e a qualidade das peças de porcelana.

³⁶ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 30. Sobre a preparação e o consumo do chocolate em Portugal neste período, cf. Isabel Drumond Braga, *A Herança das Américas em Portugal: trópico das cores e dos sabores* (Lisboa: CTT Correios, 2007).

³⁷ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 30.

³⁸ Sobre a louça de Estremoz e a sua difusão pela Europa, cf. Tânia Manuel Casimiro, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, “Portuguese Faience trade and consumption across the World (16th - 18th centuries)”, em Jaime Buxeda i Garrigós, Marisol Madrid i Fernández, Javier G. Iñáñez (coord.), *Global Pottery Proceedings: 1.st International Conference for Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact* (Oxford: Hadrian Books, 2015), 67-80; Simon Newstead, Tânia Manuel Casimiro, “Strange Adventures in a City Made of Marble: Exploring Pottery Production in Estremoz, Portugal”, *Medieval Ceramics* 37 (London: Medieval Pottery Research Group, 2017): 37-45.

Quadro 8Presentes do rei de Portugal ao *dey* de Argel por ocasião do resgate de 1754 (utensílios de mesa)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Aparelho de chá com tabuleiro acharoadado	Um	18.000
Bandejas da Índia	12	25.000
Caixão de louça de Estremoz	Um	16.940
Canecas	24	4.800
Copos de canada	36	7.200
Copos de meia canada	24	2.400
Copos de meio quartilho	12	480
Copos de quartilho	12	720
Copos grandes	12	2.880
Estojo com seis colherinhas de chá de metal branco	Um	4.800
Frasqueira acharoadada de encarnado com ferragens	Uma	4.380
Frasqueiras ordinárias (seis de oito frascos e uma de seis)	Sete	7.300
Frasquinhos com tarraxas de estanho	12	1.920
Frasquinhos mais pequenos	12	1.440
Garrafas grandes	Duas	600
Garrafas pequenas	Duas	480
Pratos da Holanda	25 dúzias	15.000
Púcaros de vidro grandes com tampas	18	4.320
Púcaros mais pequenos	Seis	2.200
Redomas	Quatro	1.200
Tabuleiro de charão	Um	3.200
Tigelas da Holanda com tampas	Seis dúzias	7.920
Tigelas da Índia encarnadas com ouro	Quatro	6.400
Tigelas grandes da Índia azuis com pratos e tampas	Quatro	15.000
Tigelas maiores com tampas	Três dúzias	4.940
Total	-	159.520

Quadro 9Presentes do rei de Portugal ao *dey* de Argel por ocasião do resgate de 1754 (tecidos)

Bens	Quantidades	Preços (em réis)
Brocado carmesim	Nove côvados	81.000
Fita de tela	Três varas	1.600
Garça azul	24 côvados	7.200
Garça cor de fogo	61 côvados	14.400
Garça de matizes	20 côvados	6.000
Pano azul de mescla	18 côvados	32.400
Pano azul fino	13,5 côvados	24.300
Pano berne sobre fino	13,5 côvados	40.500
Pano berne sobre fino	18 côvados	39.600
Pano fino alvadio	13,5 côvados	21.600
Total	-	268.309

O presente levado para Marrocos em 1729, contou com produtos de diversas proveniências, incluindo o Norte de África, e originários de vários continentes. Ou seja, em Mazagão, então ainda sob domínio português, obtiveram-se seis arrobas de tabaco (46.072 réis), os tecidos foram adquiridos em diversos espaços europeus, a saber, França (bretanhas, brins, cambraias e primaveras) e Holanda (holandas e holandilhas). Do Oriente chegou uma colcha de cetim branco, proveniente da Índia, assim como louças e chá. Louças foram também compradas à Holanda e os doces foram preparados em Portugal³⁹. Nos resgates efetuados em Argel, a diversidade dos produtos foi igualmente grande, mas não tão abrangente geograficamente. Se D. João V enviou ao *dey* produtos provenientes do Sacro Império Romano Germânico, da Holanda e do Oriente, D. José I preferiu investir mais nos doces de produção nacional, nas louças, umas orientais, outras europeias, incluindo portuguesas, e menos nos têxteis de importação. Assim, o peso percentual da tipologia dos bens ofertados variou bastante nos vários resgates. Se compararmos as três categorias sempre presentes, têxteis, louças e doces, podemos verificar que em Argel, no resgate de 1726, não temos dados relativos aos preços e os têxteis limitaram-se a um cafetã, já no resgate de 1754, os doces destacaram-se com 40%, seguindo-se os têxteis, que atingiram 38%, e finalmente as louças, que se ficaram nos 22%; enquanto em Meknés, no ano de 1729, os têxteis representaram 74%, as louças 15% e os doces 11% do total do presente.

3. A troca de presentes diplomáticos teve sempre um valor simbólico, variando de acordo com as ocasiões e constituindo um momento privilegiado para mostrar as riquezas e o poderio de cada reino, favorecendo os contactos interculturais. Nessas

³⁹ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 29.

trocas, contavam-se os mais variados produtos, desde animais⁴⁰, armas, joias, louças e porcelanas, têxteis de luxo, produtos alimentares, relógios⁴¹, vidros, de entre outros, de acordo com a produção e a importação de cada reino. O valor das ofertas evidenciava o estatuto do quem presenteava e definia a qualidade das relações entre os soberanos envolvidos⁴². Na opinião de Jean-François Solnon, os objetos europeus ofertados aos soberanos da Sublime Porta foram autênticos agentes de difusão da civilização ocidental no império otomano⁴³. Independentemente desse facto, tenhamos em conta que o vasto espaço contava com artesãos especializados e qualificados, de ambos os sexos, organizados em guildas, que respondiam às demandas do mercado, produzindo, contudo, bens diferentes dos que se poderiam obter na Europa ocidental⁴⁴.

Não constitui qualquer novidade afirmar que os resgates constituíam uma relevante fonte de receitas para os espaços do Magrebe, através da venda de cativos. Porém, verificar que os presentes dos monarcas europeus ofertados aos potentados locais robusteciam a obtenção de bens provenientes de outros continentes é pertinente e revela claros contactos interculturais. Partindo de um estudo de três casos, verificase que a Argel e Meknés chegaram gratuitamente produtos portugueses – doces, mobiliário, louça e vidros – bens de regiões sob o domínio luso – açúcar e cacau do Brasil, chá, têxteis e louças do Oriente – a par de produtos de vários espaços europeus, caso da França e da Holanda, a primeira representada com tecidos e a segunda com louças e têxteis. Portanto, ao continente africano, em concreto às Cortes de Argel e de Meknés, aportaram produtos europeus, americanos e orientais, os quais constituíram uma forma gratuita de acesso a produtos de luxo, de uso corrente e por todos apreciados.

⁴⁰ A oferta de animais foi objeto de estudo por Hedda Reindl-Kiel, “Dogs, elephants, lions, a ram and a rhino on diplomatic mission: animals as gifts to the Ottoman court”, em Suraiya Faroqhi, *Animals and people in the Ottoman empire* (Istambul: Muhittin Salih Erenm 2010), 271-286.

⁴¹ O caso dos relógios mereceu a atenção de Michael Talbot, “Gifts of time: Watches and clocks in Ottoman-British diplomacy, 1693-1803”, *Jahrbuch für Europäische Geschichte* 17 (2016): 55-79.

⁴² Lucien Bély, *Espions et ambassadeurs au temps de Louis XIV* (Paris: Fayard, 1990), 378; Deborah Howard, “Cultural transfer between Venice and the Ottomans in the fifteenth and sixteenth centuries,” em *Cultural exchange in Early Modern Europe: forging European identities: 1400-1700*, vol. IV (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), 38-177; Maureen Cassidy-Geiger (director), *Fragile diplomacy: Meissen porcelain for European courts ca. 1710-68* (New York: Yale University Press, 2008); Solnon, *Le turban*, 119-125; Lucette Valensi, *Ces étrangers familiers: musulmans en Europe (XVI-XVIII siècles)* (Paris : Éditions Payot & Rivages, 2012), 235-239; Almudena Pérez de Tudela, “Algunos regalos diplomáticos devocionales para Felipe II y su familia”, em José Martínez Millán, Manuel Rivero Rodríguez, Gijs Versteegen (dir.), *La Corte en Europa: política y religión (siglos XVI-XVIII)* (Madrid: Polifemo, 2012), 1795-1849; *I Domi di Shah Abbas il grande alla Serenissima: relazioni diplomatiche tra la Repubblica di Venezia a la Persi Safavide*, dir. Elisa Gagliardi Mangiulli (Venezia: Marsilio Editori, 2013); Gözde Önder, “Ceramics and carpets: icons of cultural exchange between Venice and the Ottoman Empire in the 16th Century”, *Diogenes* 2 (2014): 70-94; Isabel Drumond Braga, “O Pátio dos Bichos: um espaço de lazer para a Corte portuguesa do século XVIII”, *LibrosdelaCorte* 17 (2018): 60-86.

⁴³ Solnon, *Le turban*, 121.

⁴⁴ Sobre o mundo artesanal no Império Otomano, cf. Suraiya Faroqhi, *Artisans of Empire: crafts and craftspeople under the Ottomans* (London, New York: I. B. Taurus, 2009).

Num outro contexto, desta feita de negociações de paz com Marrocos, em 1773-1774, o embaixador de Portugal, José Roolen van-Deck, que faleceu durante a missão, beneficiou da utilização de peças estrangeiras por deferência do soberano marroquino, ao saber que aquele se encontrava enfermo. Frei João de Sousa, o intérprete e autor de pormenorizada relação da viagem, notou: “mandou El Rey offercer ao embaixador huma grande tigela da India e hũa colher de lorangeira de bater ponche e alguns pratos de louça vidrada”⁴⁵, considerando aquelas peças de maior qualidade do que as que o enviado de Portugal usava. Numa outra missão, em 1790, desta feita a cargo do embaixador Jacques Philippe de Landerset, de novo o frade arabista referiu diversas vezes matérias relativas à mesa. Por exemplo, “achamos huma mêza e sobre ella huma bandeja de prata dourada, excellente louça de Saxonia toda dourada, cafeteira e chocolateira de prata”⁴⁶. Ou, em outra ocasião: “Mandou vir o cha que estava preparado com muito accio e grandeza. Elle foi servido em hũa grande bandeja de prata, bule e assucareiro do mesmo metal e louça de Saxonia dourada. Com o cha vierão algumas compoteiras de cristal com excellente marmelada e outros dôces de calda”⁴⁷. Ou seja, a baixela de mesa marroquina apresentava diversos produtos estrangeiros, se bem que se desconheça se foram adquiridos ou ofertados. Torna-se, contudo, muito claro que o apelo por utensílios de mesa orientais e europeus se fazia sentir.

Algumas referências mais específicas acerca dos produtos de origem portuguesa. Destaque-se a produção da cadeira de mão, uma peça complexa com recurso a mão de obra especializada e a materiais caros; a louça de Estremoz, que circulava pela Europa, os produtos provenientes dos espaços ultramarinos ou com territórios com os quais se comercializava, caso do açúcar, do chá, do cacau e das peças de porcelana oriental, a par dos doces, neste caso referenciados apenas os de frutos, nas variantes de pasta de fruta, frutas em calda e frutas cobertas, cujos locais de preparação se desconhecem mas que só poderiam ser obra de confeitores ou de doceiras de espaços conventuais ou monásticos⁴⁸. Já eram objeto de exportação no século XVI⁴⁹. Estas ofertas mostravam não apenas a produção nacional, mas também as redes comerciais dos portugueses.

Importa notar que além de haver uma clara intenção de ofertar bens de qualidade e de proveniências diversas, ostentando riqueza, poder e magnificência, até os pormenores eram cuidadosamente pensados e preparados em Lisboa. A maneira como se apresentavam os presentes implicava adquirir diversos materiais de modo a

⁴⁵ Drumond Braga, *Missões diplomáticas*, 124-125.

⁴⁶ *Ibidem*, 261.

⁴⁷ *Ibidem*, 263.

⁴⁸ Sobre a produção de doces em Portugal, durante a Época Moderna, cf. Isabel Drumond Braga, “Confeitores na Época Moderna: Cultura Material, Produção e Conflituosidade”, em Carmen Soares e Irene Coutinho de Macedo (coord.), *Ensaio sobre o Património Alimentar Luso-Brasileiro* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014), 165-192; Isabel Drumond Braga, *Sabores e segredos: receitas conventuais portuguesas da Época Moderna* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2015).

⁴⁹ João Brandão (de Buarcos), *Grandezza e Abastança de Lisboa em 1552*, organização e notas de José da Felicidade Alves (Lisboa: Horizonte, 1990), 71.

impressionar quem os recebia. No de 1729, destinado a várias personalidades de Marrocos, foram adquiridas quatro peças de fitas de várias cores (6.100 réis) para atar as caixas dos doces, cinco varas de fita de tela para decorar as chaves das caixas e das frasqueiras, 20 lenços para cobrir diversas peças, o chá foi apresentado em frascos de folha de flandres, foi adquirida uma cadeia de ouro e um côvado de brocado para apresentar e embrulhar a carta do monarca português que foi entregue ao senhor de Meknés, e gastaram-se 33.440 réis em 12 reposteiros de brim de França, pintados e oleados com as armas reais para cobrir as cargas⁵⁰. Nos presentes que foram levados a Argel notaram-se as mesmas preocupações. Em 1726, as peças de ourivesaria foram colocadas numa caixa de veludo encarnado, diversos bens foram apresentados em bandejas da Índia, alguidares e covilhetes, tendo sido adquiridos ainda uma resma de papel, uma caixa de alfinetes e tecidos, como garça, para cobrir⁵¹. Em 1754, houve um recurso constante a caixas de madeira, covilhetes, panos diversos para cobrir e fitas para atar, sem esquecer um anel apresentado num estojo, ou seja, uma caixa de lixa preta⁵².

A procura dos produtos de luxo pelas Cortes magrebina era uma realidade. Quer os palácios⁵³ quer as residências otomanas abastadas contavam com porcelanas da China, de Iznik e de outros espaços do império, doces sofisticados, contudo diferentes dos europeus; têxteis de Bursa, Istambul e Quios, tapetes do Egito e da Pérsia⁵⁴, de entre outros. No caso dos tecidos, em especial os de luxo, que definiam estilos de vida⁵⁵, eram particularmente apreciados pelo sultão. Praticava-se o comércio têxtil de longa distância, refletindo a abundância e a diversidade desses bens dentro do império otomano, os quais permitiam a confecção dos famosos tapetes almofadas (*çatma*), de veludo brocado e ouro, adquiridos por membros das elites militares e administrativas, com forte procura no século XVIII⁵⁶. Isto significa que não havia falta de produtos de qualidade e de luxo nas Cortes do Norte de África, mas que os presentes diplomáticos transculturais europeus constituíam uma obrigação política e uma forma complementar de abastecimento de bens, diferentes dos que se produziam no Islão.

⁵⁰ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 29.

⁵¹ ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 31.

⁵² ANTT, Convento da Santíssima Trindade, liv. 30.

⁵³ Hedda Reindl-Kiel, “The must-haves of a grand vizier: Merzifonlu Kara Mustafa Pasha’s luxury assets”, *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes* 106 (2016): 179-221.

⁵⁴ Amanda Phillips, *Connecting art histories in the museum everyday luxuries: art and objects in Ottoman Constantinople 1600-1800* (Berlin: Verlag Kettler, 2015).

⁵⁵ Hedda Reindl-Kiel, “The empire of fabrics: the range of fabrics in the gift traffic of the Ottomans”, em Thomas Ertl e Barbara Karl, *Inventories of textiles – textiles in inventories* (Göttingen: V&R Unipress, 2017), 144-145.

⁵⁶ Amanda Phillips, “A material culture: Ottoman velvets and their owners 1600-1750”, em Gülru Necipoğlu (ed.), *Muqarnas: an annual on the visual cultures of the Islamic world* (Leiden: Brill, 2014), 151-172.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes impressas

João Brandão (de Buarcos), *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, organização e notas de José da Felicidade Alves (Lisboa: Horizonte, 1990).

Jerónimo de São José, *Historia chronologica da esclarecida ordem da SS. Trindade redempção de cativos*, 2 tomos (Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789).

Estudos

António Jorge Ferreira Afonso, *Os Cativos portugueses nos banhos magrebinos (1769-1830) o Islão, o corso e a geoestratégia no Ocidente do Mediterrâneo* (tese de doutoramento inédita) Universidade de Lisboa, 2017.

Edite da Conceição Martins Alberto, *As Instituições de resgate de cativos em Portugal: sua estrutura e funcionamento no século XV* (dissertação de mestrado inédita), Universidade Nova de Lisboa, 1994.

Edite Maria da Conceição Martins Alberto, *Um negócio piedoso: o resgate de cativos em Portugal na Época Moderna* (tese de doutoramento inédita), Universidade do Minho, 2010.

Edite Maria da Conceição Martins Alberto, *Entre a Cruz e o Crescente: o resgate de cativos: 1218-2018* (Lisboa: Arquivos Nacionais Torre do Tombo, 2018).

Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão: a epopeia portuguesa em Marrocos* (Lisboa: Tribuna da História, 2007).

Lucien Bély, *Espions et ambassadeurs au temps de Louis XIV* (Paris: Fayard, 1990).

Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe: naissance de la diplomatie moderne XVI^e-XVIII^e siècles* (Paris: Presses Universitaires de France, 2007).

Bartolomé Bennassar et Lucile Bennassar, *Los Cristianos de Alá: la fascinante aventura de los renegados*, tradução de José Luis Gil Aristu (Madrid: Nerea, 1989).

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, *Entre a Cristandade e o Islão: cativos e renegados nas franjas de duas sociedades em confronto* (Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, Ciudad Autónoma de Ceuta, 1998).

Isabel Drumond Braga, *A Herança das Américas em Portugal: trópico das cores e dos sabores* (Lisboa: CTT Correios, 2007).

- Isabel Drumond Braga, *Missões diplomáticas entre Portugal e o Magrebe no século XVIII: os relatos de frei João de Sousa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2008).
- Isabel Drumond Braga, “Teares, Fios e Tecidos em Viagem. Produções e Exportações da Real Fábrica das Sedas para o Brasil (1734-1821)”, *Revista de Artes Decorativas*, 4 (2010): 101-124.
- Isabel Drumond Braga, “Confeiteiros na Época Moderna: Cultura Material, Produção e Conflituosidade”, em Carmen Soares e Irene Coutinho de Macedo (coord.), *Ensaio sobre o Património Alimentar Lusó-Brasileiro* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014), 165-192.
- Isabel Drumond Braga, *Sabores e segredos: receitas conventuais portuguesas da Época Moderna* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2015).
- Isabel Drumond Braga, “Cultura material, trabalho e conflituosidade: os artesãos têxteis (séculos XVI-XVIII)”, *Revista de Artes Decorativas* 7 (2015-2019): 81-118.
- Isabel Drumond Braga, “O Receituário de Francisco Borges Henriques: Culinária, Cosmética e Botica em Portugal no século XVIII”, *Diálogos Mediterrânicos* 12 (2017): 67-88.
- Isabel Drumond Braga, “Das tendas dos mercadores têxteis portugueses: Inquisição e cultura material nos séculos XVII e XVIII”, *LibrosdelaCorte.es* monográfico 6 (2017): 185-211.
- Isabel Drumond Braga, “O Pátio dos Bichos: um espaço de lazer para a Corte portuguesa do século XVIII”, *LibrosdelaCorte* 17 (2018): 60-86.
- Isabel Drumond Braga, “Vítimas de um conflito religioso: cativas e renegadas portuguesas no Magrebe (séculos XVI-XVII)”, em Margarita Torremocha Hernández (coord.), *Mujeres, sociedad y conflicto (siglos XVII-XIX)* (Valladolid: Castilla Ediciones, 2019), 123-140.
- Tânia Manuel Casimiro, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, “Portuguese Faience trade and consumption across the World (16th -18th centuries)”, em Jaume Buxeda i Garrigós, Marisol Madrid i Fernández, Javier G. Iñáñez (coord.), *Global Pottery Proceedings: 1.st International Conference for Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact* (Oxford: Hadrian Books, 2015), 67-80.

- Maureen Cassidy-Geiger (director), *Fragile diplomacy: Meissen porcelain for European courts ca. 1710-68* (New York: Yale University Press, 2008).
- Jorge Custódio, *A Real Fábrica de Vidros de Coima (1719-1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII* (Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002).
- Doni (I) di Shah Abbas il grande alla Serenissima: relazioni diplomatiche tra la Repubblica di Venezia a la Persi Safavide*, dir. Elisa Gagliardi Mangiilli (Venezia: Marsilio Editori, 2013).
- António Dias Farinha, *História de Mazagão durante o Período Filipino* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1970).
- Suraiya Faroqhi, *Artisans of Empire: crafts and craftspeople under the Ottomans* (London, New York: I. B. Taurus, 2009).
- Suraiya Faroqhi, *Ottoman empire and the world around it* (London: I. B. Tauris, 2016).
- Marina Formica, *Lo specchio turco: immagini dell'altro e riflessi del sé nella cultura italiana d'età moderna* (Roma: Donzelli Editore, 2012).
- Ellen G. Friedman, *Spanish captives in North Africa in the Early Modern Age* (Madison: University of Wisconsin Press, 1983).
- Mercedes García-Arenal, Miguel Ángel de Bunes, *Los Españoles y el Norte de África: siglos XV-XVIII* (Madrid: Mapfre, 1992).
- Daniel Goffman, "Negotiation with the Renaissance state: the Ottoman Empire and the new diplomacy", em Virginia H. Aksan e Daniel Goffman (coords.), *The Early Modern Ottomans: remapping the empire* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007) 61-74.
- Anita Gonzalez-Raymond, *La Croix et le croissant: les inquisiteurs des Iles face à l'Islam 1550-1700* (Paris: CNRS, 1992).
- Pablo Hernández Sau, "Dádivas al estilo oriental: prácticas de (re)conocimiento político en el Estambul del último cuarto del siglo XVIII" *Chronica Nova* 44 (2018): 115-145.
- Pablo Hernández Sau, "Gifts across the Mediterranean sea: the Spanish gift embassy to Constantinople and its cross-cultural diplomatic practice" em Diana Carrión-Invernizzi (ed.), *Embajadores culturales: transferencias y lealtades de la diplomacia española en la Edad Moderna* (Madrid: UNED, 2016), 107-136.

- Daniel Hershenzon, ““Para que me saque cabeza por cabeza...”: el intercambio de esclavos entre cristianos y musulmanes en el Mediterraneo Occidental”, *Drassana* 23 (2015): 78-97.
- Daniel Hershenzon, *The captive sea: slavery, communication and commerce in Early Modern Spain and the Mediterranean* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018).
- Deborah Howard, “Cultural transfer between Venice and the Ottomans in the fifteenth and sixteenth centuries,” em *Cultural exchange in Early Modern Europe: forging European identities: 1400-1700*, vol. IV (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), 38-177.
- Eva-Maria von Kemnitz, *Portugal e o Magrebe (Séculos XVIII / XIX). Pragmatismo, inovação e conhecimento nas relações diplomáticas* (Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2010).
- Claude Larquié, “Le Commerce des Hommes en Méditerranée au milieu du XVII^e siècle”, em Rafaele Belvederi (dir.), *Atti del IV Congresso Internazionale di Studi Storici. Rapporti Genova, Mediterraneo, Atlantico nell’ Età Moderna* (Genova: Pubblicazioni dell’ Istituto di Scienze Storiche, Università di Genova, 1990), 397-412.
- Alex Faverzani da Luz, *A Real Fábrica das Sedas de Lisboa: administração, política económica pombalina e relações de comércio entre Portugal e Brasil (1750-1777)*, tese de doutoramento inédita, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.
- José Antonio Martínez Torres, *Prisioneros de los Infieles: vida y rescate de los cautivos cristianos en el Mediterráneo musulmán (siglos XVI-XVII)* (Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2004).
- Simon Newstead, Tânia Manuel Casimiro, “Strange Adventures in a City Made of Marble: Exploring Pottery Production in Estremoz, Portugal”, *Medieval Ceramics*, 37 (London: Medieval Pottery Research Group, 2017), 37-45.
- Gözde Önder, “Ceramics and carpets: icons of cultural exchange between Venice and the Ottoman Empire in the 16th Century”, *Diogenes* 2 (2014): 70-94.
- Jorge Pedreira, “A Indústria”, em Pedro Lains e Álvaro Ferreira da Silva (org.), *História económica de Portugal*, 1 (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004), 177-208.
- Almudena Pérez de Tudela, “Algunos regalos diplomáticos devocionales para Felipe II y su familia”, em *La Corte en Europa: política y religión (siglos XVI-XVIII)*,

- direção de José Martínez Millán, Manuel Rivero Rodríguez, Gijs Versteegen (Madrid: Polifemo, 2012), 1795-1849.
- Amanda Phillips, “A material culture: Ottoman velvets and their owners 1600-1750”, em Gülru Necipoğlu (ed.), *Muqarnas: an annual on the visual cultures of the Islamic world* (Leiden: Brill, 2014), 151-172.
- Amanda Phillips, *Connecting art histories in the museum everyday luxuries: art and objects in Ottoman Constantinople 1600-1800* (Berlin: Verlag Kettler, 2015).
- Géraud Poumarède, “Les envoyés ottomans à la cour de France: d’une présence controversée à l’exaltation d’une aliance (XV^e-XVIII^e siècles)”, em *Turcs et turqueries (XVI-XVIII siècles)* (Paris: Presses Universitaires Paris-Sorbonne, 2009), 63-95.
- Paolo Preto, *Venezia e i turchi* (Roma: Viella, 2013).
- Hedda Reindl-Kiel, “Dogs, elephants, lions, a ram and a rhino on diplomatic mission: animals as gifts to the Ottoman court” em Suraiya Faroqhi, *Animals and people in the Ottoman empire* (Istanbul: Muhittin Salih Erenm 2010), 271-286.
- Hedda Reindl-Kiel, “The empire of fabrics: the range of fabrics in the gift traffic of the Ottomans”, em Thomas Ertl, Barbara Karl, *Inventories of textiles – textiles in inventories* (Göttingen: V&R Unipress, 2017), 143-163.
- Hedda Reindl-Kiel, “The must-haves of a grand vizier: Merzifonlu Kara Mustafa Pasha’s luxury assets”, *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes* 106 (2016): 179-221.
- Magnus Ressel, Cornel Zwierlein, “The ransoming of North European Captives from Northern Africa: a comparison of Dutch, Hanseatic and English Institutionalization of redemption from 1610-1645”, em Nikolas Jaspert e Sebastian Kolditz (dir.), *Seeraub im Mittelmeerraum: piraterie, korsarentum und maritime Gewalt von der Antike bis zur Neuzeit* (München: Verlag Wilhelm Fink e Ferdinand Schöningh, 2013), 377-406.
- Robert Ricard, “Le problème de l’occupation restreinte dans l’Afrique du Nord (XV^e-XVIII^e siècles)”, *Annales d’Histoire Économique et Sociale* 41 (1936): 426-437.
- Manuel Ferreira Rodrigues, José Amado Mendes, *História da indústria portuguesa da Idade Média aos nossos dias* (Mem Martins: Europa-América, 1999).
- Jean-François Solnon, *Le turban et la stambouline: l’empire ottoman et l’Europe XIV^e-XX^e siècle, affrontement et fascination reciproques* (Paris: Perrin, 2009).

- Michael Talbot, "Gifts of time: Watches and clocks in Ottoman-British diplomacy, 1693-1803", *Jahrbuch für Europäische Geschichte* 17 (2016): 55-79.
- Lucette Valensi, *Ces étrangers familiers: musulmans en Europe (XVI-XVIII siècles)* (Paris: Éditions Payot & Rivages, 2012).
- Lucette Valensi, *Stranieri familiari: musulmani in Europa (XVI-XVIII secolo)* (Torino: Einaudi, 2013).
- Christian Windler, "Diplomatie et interculturalité: les consuls français à Tunis, 1700-1840", *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 50-4 (2003-2004): 63-91.
- Christian Windler, *La diplomatie comme expérience de l'autre: consuls français au Magreb (1700-1840)* (Genève: Librairie Droz, 2002).

Recibido: 13 de mayo de 2020

Aprobado: 7 de julio de 2020